

Macaé Marcos Braz de Oliveira. Ou, simplesmente, Macaé. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Montagem e Manutenção Industrial da Baixada Santista e Litoral (Sintracomos).

Liderança firme na defesa da categoria, no maior sindicato da região, ele nasceu em Recife, capital de Pernambuco, em 8 de fevereiro de 1958. Mas foi para a cidade fluminense de Nilópolis (RJ) aos seis meses de idade.

Macaé começou a trabalhar aos 12 anos de idade, em feira-livre, no Rio de Janeiro, com frutas e legumes. Dois anos depois, adquiriu experiência como ajudante de serralheiro.

Aos 16, então com registro em carteira, passou a montador de serralheria, sinalizando que seu futuro profissional seria na área de montagem e manutenção na indústria.

Tanto é verdade que, ao sair do serviço militar obrigatório, no Exército, passou a trabalhar como montador industrial, na empresa House, de onde saiu para ‘correr trecho’, como seu pai.

Ele ganhou o apelido, que agora é praticamente seu nome, ao trabalhar, embarcado, na cidade de Macaé, Rio de Janeiro Macaé, em plataforma da Petrobras.

Ao sair do litoral fluminense, nos anos de 1970, foi trabalhar em sua cidade natal. De lá, seguiu para Curitiba (PR), para operar na montagem e ajustagem de tubulação na Petrobras.

Em Paranaguá (PR), pela empresa Tenenge, trabalhou na construção de duas jaquetas de plataforma, em Namorado II e PCH1, também da Petrobras.

Do Paraná, foi para Limeira, interior paulista, pela empresa Caldeiraria Gama, (SP), na montagem de uma fábrica da companhia de açúcar União.

Pela mesma Tenenge, rumou para Brasília, na cidade satélite de Sobradinho, para construção de unidade numa fábrica de cimento da Votorantim.

No começo dos anos 1980, Macaé finalmente veio para Cubatão, na extinta Cosipa, hoje Usiminas, pela empreiteira FEM, como mecânico ajustador, para ficar apenas três meses.

A empresa era conhecida por apelidos como ‘fodidos esperando melhora’ e ‘fundação estadual do menor’, o que acentuou em nosso presidente a inclinação para a luta sindical.

Da FEM, ele foi para a Enesa. Depois, Tenenge. Sempre na Cosipa e ajustador. Nesse período, fez curso técnico de tubulação industrial e caldeiraria, no Sesi Cubatão.

Quando a Tenenge encerrou as atividades no Brasil, pertencia ao grupo Odebrecht. E Macaé foi registrado nessa grande construtora, em 1996, onde está até hoje.

Macaé passou a dar mais importância ao sindicalismo quando começou a trabalhar em Cubatão. Logo se entusiasmou com as comissões de fábricas e a campanhas salariais.

Em 1984, veio o primeiro convite para participar da direção do sindicato. Ele achou que ainda era cedo e achou melhor amadurecer a ideia. Continuou firme no trabalho de base.

Cinco anos depois, em 1989, ele aceitou o segundo convite e foi para a suplência da diretoria. Em 1992, foi eleito o primeiro diretor de patrimônio, cargo até então inédito no sindicato.

A carreira deslanchou. Em 1996, passou a vice-presidente. Em 1998, com o falecimento do presidente José Luiz de Melo, assumiu a presidência, até 2000.

No mandato seguinte, foi eleito tesoureiro, função que exerceu por 12 anos. Macaé sempre teve grande atuação na base. Tinha, portanto, ‘garrafa para trocar’. Por isso, chegou à diretoria executiva rapidamente.

Convergência Socialista (CS), Partido Comunista Brasileiro (PCB partidão), Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Essas foram as primeiras influências políticas de Macaé.

À CS e ao PCB, ele não foi filiado. Mas, ao PCdoB, filiou-se, junto com o ex-presidente Zé Luiz e com os companheiros Índio, Luiz Carlos e Chileno, entre outros, por cerca de dez anos.

Hoje, Macaé está no PDT, partido que admira desde quando Leonel Brizola era governador do Rio de Janeiro e o encantava com seus discursos.

Macaé foi eleito presidente em 28 de outubro de 2011. Aos 54 anos de idade, ficará quatro anos na presidência, cargo que exerceu entre 1998 e 2000, após falecimento do então presidente José Luiz de Melo. Funcionário do Odebrecht, Macaé é o primeiro representante da montagem industrial a ocupar o cargo.

Pouca gente sabe, mas a cesta básica, essa importante conquista do sindicalismo brasileiro, foi ideia do Macaé, quando participou de um encontro de trabalhadores da construção civil, em 1989, em Belém (PA).

Ele defendeu o pagamento de um adicional, além do salário, para o trabalhador comprar alimentos. A delegação paulista, majoritária, não aprovou a proposta.

Ele não desistiu e propôs, então, que as empresas fornecessem uma cesta básica, com produtos de primeira necessidade. Também não obteve sucesso.

Mas a ideia da cesta ficou registrada na ata de Belém. E, em 1992, depois de muitos debates e lutas sindicais, a indústria da construção civil paulista finalmente instituiu o benefício.

Macaé lembra que a cesta acabou se transformando em tíquete-alimentação, vale-supermercado e se alastrou por todo o país: “Mas tudo começou lá atrás”.

Greve de um dia, dos trabalhadores de todas as categorias do país, urbanos e rurais, em data a ser marcada, para o governo federal atender as reivindicações dos aposentados.

A proposta, do presidente do nosso Sintracomos, Macaé Marcos, foi feita após reunião de vários sindicatos da central Força Sindical (FS), em 16 de agosto, na nossa sede.

Ele já propôs o movimento à direção nacional da central. Sua ideia é que paralisação atinja os setores produtivos e de serviços.

"Será um movimento de solidariedade aos aposentados e de prevenção dos trabalhadores da ativa", pondera Macaé. "Os empregados de hoje serão os aposentados de amanhã".